

## **ESCOLAS REUNIDAS: A CRIAÇÃO E EXPANSÃO EM MATO GROSSO (1927-1940)**

Elton Castro Rodrigues dos Santos

### Resumo

O presente trabalho analisa, por meio de fontes documentais como relatórios de presidentes do estado, inspetores de ensino e diretores da instrução pública, disponíveis nos principais acervos e arquivos de Mato Grosso, como o Arquivo Público de Mato Grosso (APMT); o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) e o Arquivo da Casa Barão de Melgaço (ACBM). Na busca de contribuir com estudo sobre a história da escola primária brasileira, esta pesquisa possui o objetivo de esclarecer as conjunturas educacionais que culminaram a criação e expansão das Escolas Reunidas em Mato Grosso no período entre 1930 e 1945. Este artigo teve como aporte teórico os estudos de Souza (2010, 2011), Vidal (2006, 2009), Frago (1990), Noronha (2007), SÁ (2007, 2011) entre outros autores que estudam modalidades escolares no Brasil.

Palavras-chave: História da Educação. Escola Graduada. Escola Reunida.

## ESCOLAS REUNIDAS: A CRIAÇÃO E EXPANSÃO EM MATO GROSSO (1927-1940)

### Introdução

A escola graduada nasceu no final do século XIX, no bojo do discurso da modernidade. Constituiu-se assumindo uma nova concepção de escola primária, contrapondo-se à escola isolada, em que um só mestre, ensinava a um grupo de alunos cujas idades e conhecimentos cobriam todo o ensino primário. Pressupunha alunos classificados e agrupados o mais homoganeamente possível, em função da sua idade e conhecimentos.

Pinedo, no Congresso em Barcelona em 1909, afirmou que na escola graduada, como em qualquer indústria, há poupança ou aproveitamento de tempo, maior destreza do artífice e ocasião de descobrir novos meios de aperfeiçoar e abreviar o trabalho (PINEDO *apud* FRAGO, 1990, p.30). Tyack e Cuban (1999), ao escreverem sobre as escolas norte-americanas, afirmam que:

Muitos defensores da escola graduada – destacando-se, entre eles, os superintendentes municipais e estaduais e os líderes dos quadros administrativos escolares – estavam muito bem impressionados com a divisão do trabalho e a supervisão hierárquica freqüentemente utilizadas nas fábricas. Então, perguntaram-se: por que este sistema bem-ordenado não poderia ser adaptado à educação pública? Eles não questionaram a antiga assertiva de que uma sala de aula é um lugar independente onde um professor estabelece tarefas para um grupo de estudantes e avalia seus desempenhos. Ao contrário, eles buscaram uma maior eficiência concentrando o trabalho do professor em uma série, na qual os estudantes poderiam ser agrupados de acordo com a sua proficiência acadêmica e poderiam aprender um currículo uniforme. Assim, um professor poderia ensinar a todas as crianças na sala de aula os mesmos assuntos, da mesma maneira e no mesmo ritmo (TYACK, CUBAN, 1999, p. 7-8, tradução mimeo).

Sendo assim, o emprego do método simultâneo e a conseqüente organização dos alunos em classes sob a regência de um professor para cada grupo de alunos, favorecia não somente a distribuição do trabalho, como também a maior capacidade de supervisão e controle da ação dos professores e dos alunos. À organização das escolas

graduadas, então, foram acrescentadas as técnicas de supervisão e eficiência das instituições, cercadas de racionalidade científica, o exame e classificação científica das crianças e a distribuição, previamente planejada, de tempos e tarefas, movimentos e ações (FRAGO, 1998).

É possível relacionar as estruturas e modalidades organizativas da escola com a inculcação de valores e normas de comportamentos, com a estatização do ensino, com a evolução de formas de organização do trabalho, com o desenvolvimento de uma administração escolar burocratizada, com a afirmação da escola como organismo social, com a definição das estruturas de poder no seu interior e com a evolução do currículo.

Dessa forma, as escolas graduadas foram organizadas no sentido de formar as crianças não só com os conhecimentos morais e científicos necessários, mas também com hábitos e valores pertinentes ao mundo do trabalho.

A substituição do método individual pelo simultâneo constituiu um eixo importante da escola graduada. Através do ensino simultâneo, o professor ensinava a mesma lição a todos os alunos com se fossem um só, sendo, para isso, necessário homogeneizar os grupos redistribuindo os alunos em graus e classes. Sobre o método individual Lopes, Filho, Veiga (2011, p. 140) esclarecem que o professor ensinava os alunos individualmente. “Na verdade era o método por excelência da instrução doméstica aquela que corria em casa, onde a mãe ensinava os filhos e as filhas, ou os irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam”.

Lesage (1999, p. 10-11) acrescenta a discussão que o docente chamava sucessivamente cada aluno e lhe dava instruções sobre como desenvolver o conteúdo. “[...] Depois, o aluno retorna a seu lugar e se exercita em repetir e aprender aquilo que o professor acabou de mostrar-lhe”. A mesma autora esclarece ainda que no método simultâneo “o ensino não se dirige mais a um único aluno, como no modo individual, mas pode atender a cinquenta ou sessenta alunos ao mesmo tempo.” A semelhança entre os dois métodos de ensino citados acima se concentra no fato de que nos mesmo havia uma relação direta entre professor e aluno.

Esta organização de escola primária tornou-se um modelo que representava a excelência da educação, sendo *apropriado* (CHARTIER, 1990) rapidamente por vários países. Situou sua universalização no centro dos processos de transformação social e cultural que atingiram todo Ocidente nos séculos XIX e XX, tendo o ensino simultâneo como questão nuclear.

No Brasil, os grupos escolares foram as principais instituições educacionais a difundirem o ensino por graduação. Os grupos escolares “começaram a ser implantados no contexto brasileiro em 1893, quando foi inaugurado, no estado de São Paulo, o primeiro grupo escolar do país” (SILVA, 2010, p. 4).

As escolas graduadas no estado paulista tiveram seu processo de implementação decorrente de profundas transformações no ensino primário, “de uma escola de ler escrever - contar para uma escola de educação integral com um programa enriquecido e enciclopédico; de uma escola de acesso restrito para uma de acesso obrigatório, generalizado e universalizado” (SOUZA, 1998, p. 31-32).

A escola graduada se constituía, nas primeiras décadas republicanas, como instituição educacional almejada pelos governantes brasileiros. “Tal centralidade se evidenciará em termos de interiorização e de expansão, inclusive com a atuação crescente de poderes locais e regionais no processo de escolarização” (SCHUELER, SÁ e FERRO, 2010, p.128).

Os grupos escolares foram responsáveis pela divulgação da escola graduada em todo o país. Essa nova organização curricular, faziam com que essas instituições ganhassem destaque no cenário educacional. Considerados como modelos educacionais destinados à escola primária faziam parte da realidade urbana e “fundaram uma representação de ensino que não apenas regulou o comportamento, reencenando cotidianamente, de professores e alunos no interior das instituições escolares, como disseminou valores e normas sociais (e educacionais)” (VIDAL, 2006, p.9).

Dessa forma, “os grupos escolares constituíram-se numa nova modalidade de escola primária, uma organização mais complexa, racional e moderna. Essa inovação significou profundas transformações na organização e na constituição dos sistemas estaduais de ensino público no país” (SOUZA, 2006, p.24).

Contudo, os grupos escolares não foram à única instituição educacional implantar o modelo graduado, havia outro estabelecimento de ensino considerado como intermediário, entre o Grupo Escolar e a Escola Isolada, de baixo custo, que se difundiu como escola graduada, as *Escolas Reunidas*.

As Escolas Reunidas tiveram sua maior expressividade no estado de São Paulo. No entanto, no primeiro momento foram consideradas pelos governantes paulistas,

[...] como um tipo de escola provisória que deveria desaparecer em breve, as escolas reunidas foram se incorporando ao sistema público de ensino como resultado das demandas populares pela escola pública em bairros e vilas onde se verificava a

aglomeração de crianças e havia a impossibilidade de implantação do grupo escolar devido aos seus critérios legais estabelecidos para a criação dos mesmos (SOUZA, 2008, p. 144).

As Escolas Reunidas tiveram um importante papel no cenário educacional paulista, pois proporcionaram o acesso à educação da população infantil moradoras de bairros e vilas onde não havia grupos escolares (SOUZA, 2009). O modelo reunido composto por escolas isoladas de São Paulo foram exemplo para as demais escolas desse porte em todo o país.

O presente artigo, parte integrante das pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória da Universidade Federal de Mato Grosso (GEM/UFMT), cujas temáticas abordam, entre outras, o estudo das instituições escolares mato-grossenses, possui o objetivo de esclarecer fatos inerentes à expansão das Escolas Reunidas em Mato Grosso, bem como sua relevância no cenário educacional do estado.

A pesquisa encontra-se situada no campo da historiografia, com análise de fontes documentais, como relatórios de presidentes do estado de Mato Grosso, Inspectores de Ensino e Diretores da Instrução Pública, disponíveis: no Arquivo Público de Mato Grosso (APMT); no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) e no Arquivo da Casa Barão de Melgaço (ACBM).

## **1. Grupos Escolares ou Escolas Reunidas? Uma difícil definição**

Esse questionamento era a tônica do apêndice intitulado “O Grupo Escolar e a Escola Reunida” escrito pelo professor Waldomiro Campos, diretor do Grupo Escolar de Poconé. Para ele somente a Escola Modelo poderia ser considerada um grupo escolar em Mato Grosso; os outros não passam de “meras Escolas Reunidas” (CAMPOS, 1916).

Para Campos, o importante era o ensino graduado nas escolas públicas primárias. Defendeu, então, a idéia da união das escolas isoladas na composição de Escolas Reunidas ou semi-grupos. Em sua opinião, a expansão do modelo escolar de ensino graduado estava sendo inviabilizado, até então, pela exigência de um alto

número de matrículas para a instalação de grupos escolares nas cidades do interior do Estado.

Em 1927, através do Regulamento da Instrução Pública de Mato Grosso, a ideia da união das escolas isoladas na composição de Escolas Reunidas ou semi-Grupos, defendida pelo professor Waldomiro Campos, foi colocado em prática, podendo ser instaladas em localidades em que, num raio de dois quilômetros, funcionassem três ou mais escolas isoladas, com frequência total mínima de 80 alunos, distribuídos entre três e sete classes; número bem inferior ao exigido para a instalação dos Grupos Escolares - mínimo de 250 alunos, distribuídos em, no mínimo, 8 salas de aula (REGULAMENTO, 1910).

As classes poderiam comportar de 15 a 45 alunos. No entanto, embora uma das finalidades dessa modalidade escolar fosse “classificar os alunos pelo nível de desenvolvimento intelectual”, era permitido fundir numa só classe, dois ou mais anos do curso, até formar uma classe com o mínimo de 15 alunos, quando o número de alunos excedesse o seu limite máximo (REGULAMENTO, 1927).

Como prerrogativa, o Artigo 33 do Regulamento da Instrução Pública Primária de 1927, estabelecia que para se constituir como “Escolas Reunidas” seria necessário que fosse mantido o funcionamento mínimo de três classes, com uma média entre 15 e 45 de alunos, caso contrário, retornariam à condição de escolas isoladas. No caso de excederem ao número de 8 classes, se transformariam em grupos escolares.

Para administrar e coordenar a parte pedagógica de uma Escola Reunida, seria nomeado, pelo governo, um professor da própria escola, de preferência efetivo, considerado “de maior capacidade profissional”, sendo obrigatório que este tivesse a regência de uma classe. Esse professor, além dos vencimentos da sua atuação como docente, receberia uma gratificação mensal de 30\$000 (trinta mil réis) por classe, não computada a sua e, quando, por insuficiência do prédio, o governo determinasse que as Escolas Reunidas funcionassem em dois turnos, o diretor deveria reger a classe em apenas um turno e receber, além dos seus vencimentos, uma gratificação de 50\$000 (cinquenta mil réis), correspondente à direção do segundo turno (REGULAMENTO, 1927).

A gratificação ofertada, pelo governo, para o cargo de diretor escolar, que tinha um valor fixo, independente do número de alunos, além da economia para os cofres públicos, impulsionava o professor-diretor a pensar estratégias que garantissem o acesso e a permanência dos alunos na escola. Os demais procedimentos quanto ao regimento

interno, programas e a organização do calendário escolar, seguem o mesmo padrão dos grupos escolares, organizados pela Diretoria Geral da Instrução e submetido à aprovação do Governo.

A primeira Escola Reunida, encontrada até então nas documentações oficiais, foi autorizada por ato da Presidência do Estado de 23 de outubro de 1929, quando foram agrupadas as três escolas isoladas, de ambos os sexos, existentes na cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo. A instalação e abertura das aulas aconteceram no dia 4 de março de 1930 e, para assumir a direção foi nomeado o professor Américo Pinto Brasil.

Inicialmente, a reunião dessas escolas possibilitou a organização de três classes, sendo uma do sexo masculino e duas do feminino. No entanto, mesmo tendo o número de alunos matriculados excedido a capacidade permitida pelo Regulamento (1927) de até 45 alunos, o desdobramento delas não foi possível porque, segundo o diretor, não havia professores habilitados para assumirem a regência das turmas. Em seu relatório, o diretor justifica:

Deixei de solicitar o desdobramento da primeira classe da seção feminina que atingiu ao número de 59 alunos matriculados em face da dificuldade de provê-la por professora normalista, pois essas diplomadas não querem absolutamente aceitar cadeiras fora do perímetro de Cuiabá, como se a Instituição Pública só ali se circunscrevesse. E quando as aceitam é bem a contragosto. Não negar a exigência, hoje tolerada do estágio por dois anos nas escolas rurais, que dava o direito de transferência para as cidades e vilas aos professores primários era uma medida que importava não só a assegurar o aproveitamento daquelas em tais escolas, como facultar o desenvolvimento da Instrução nas povoações do Estado (BRASIL, 1930, p. 17).

Com a dificuldade de lotação de professores nas escolas rurais, o diretor reuniu os alunos excedentes de cada classe e organizou uma classe mista, sob sua regência. A Escola Reunida de Santo Antônio do Rio Abaixo, em 1930, ano de sua inauguração contou com uma frequência de 248 alunos. Seus trabalhos educativos se iniciaram em um prédio de propriedade do cidadão Benedito Nunes Ferraz na Praça Mário Corrêa, alugado pelo Governo. A situação precária do edifício escolar é denunciada pelo diretor:

Entretanto a aludida propriedade além de não comportar as classes desdobradas, as suas dependências são acanhadíssimas sem o menor conforto e higiene, não oferecendo espaço para se locomoverem os alunos e professores, em face do número de

freqüentes. Por isso acho exagerado o preço do aluguel, uma vez que há, nesta cidade, prédios de melhores construções e de maior capacidade, onde possam ser alojadas as “Escolas Reunidas”, possuindo melhores conforto, higiene e boas acomodações, cujos aluguéis, talvez não atingirão aquela soma (BRASIL, 1930, p. 19).

Além do problema de lotação de professores e da má qualidade dos prédios, em seu relatório à Diretoria da Instrução Pública o professor Américo acusou a escassez de mobiliário e de materiais para o bom funcionamento da escola.

Da carga recebida em 4 de Março, quando foi a sua instalação verificou-se de 8 bancos de madeira, 8 carteiras, 3 mesas e 4 quadros negros. A 4 de Abril do corrente ano, foram fornecidas pelo Almojarifado Geral do Estado 6 cadeiras, inclusive uma poltrona sortida, já usada em mal estado. O estado do estabelecimento nesse caráter, e desolador, apresentando ao visitante um aspecto desagradável e em desarmonia em seus intuitos (BRASIL, 1930, p.7).

Como 248 alunos poderiam assistir aulas em apenas 8 bancos de madeira e 8 carteiras? Para amenizar esta situação, alguns particulares emprestaram bancos de madeira, mesas, mais um quadro negro e uma esfera (BRASIL, 1930). A Escola Reunida de Santo Antônio do Rio Abaixo funcionou em seu primeiro ano com os materiais abaixo listados:

**Tabela 01: Materiais pertencentes a Escola Reunida em 1930**

<b>Utensílios Escolares</b>	<b>Quantidade</b>
Bancos de madeira	8
Cadeiras de palhinha (mau estado)	5
Carteiras de madeiras pintadas de preto	8
Canecos de ferro louçado	7
Escarradeiras esmaltadas	7
Globo geográfico	1
Livros para matrículas	2
Livros para chamadas dos alunos das classes	7
Livro de ponto	1
Lousas (mau estado)	4

Mapas do Estado de Mato Grosso	7
Mapas da Ásia	3
Mapas da África	4
Mapas da Oceania	3
Mapas de figuras geométricas	8
Mapas de superfície da terra	4
Mesas de madeira, sendo uma pequena	3
Poltronas de jacarandá (muito usada)	1
Quadros negros (em mau estado)	4
Régua de madeira de 0,50cm.	1
Régua de madeira de 0,30cm.	6
Talha de barro para água (uma já quebrada)	7

*Fonte:* BRASIL, 1930.

Até 1930, haviam sido criadas quatro Escolas Reunidas nos municípios de Livramento, Santo Antônio do Rio Abaixo, Sant`Ana do Rio Abaixo e Bela Vista (TOLEDO, 1930). O relatório da Diretoria da Instrução Pública (1931) aponta a intenção da cidade de Entre Rios de ter uma Escola Reunida:

Pleiteia a população dessa localidade, por intermédio desta Diretoria, a criação de uma “Escolas Reunidas”. [...] Não acho descabida a pretensão quanto mais que oferecem não só o prédio com mobiliário para o funcionamento da referida escola (SILVA, 1931, p.15).

Além do agrupamento de escolas isoladas, também eram criadas Escolas Reunidas quando algum Grupo Escolar não estivesse funcionando com o número indicado pelo Regulamento (1927). Isto aconteceu nas cidades de Ponta-Porã e Miranda. Em relação ao Grupo Escolar de Ponta-Porã, o Diretor Geral da Instrução Pública afirmou que “não podia permanecer-me indiferente diante à despesa que vinha fazendo o Estado para manter um grupo sem eficiência no ensino e cuja matrícula era de 146 alunos, inferior, portanto, a de todas as escolas reunidas existentes no Estado” (SILVA, 1931, p. 08). O prefeito da cidade protestou contra essa medida, talvez porque a cidade perderia o status de ter um estabelecimento de ensino que era símbolo de progresso.

Por motivo similar o Grupo Escolar de Miranda, passou a chamar *Escolas Reunidas Caetano Pinto*. Criado pela resolução nº 857 de 12 de Junho de 1922, passou a categoria de Escolas Reunidas “em 1931, em virtude do Decreto Orçamentário nº 77, de 20 de Junho daquele ano”, com a mesma denominação, em virtude do baixo número de matrícula (MENDES, 1942, p.25).

Localizado na cidade de Miranda, no sul do Estado, as Escolas Reunidas “Caetano Pinto” funcionava em prédio alugado pelo estado. O imóvel se encontrava “em péssimas condições, negando-se o seu proprietário e efetuar quaisquer consertos, sob pretexto de se encontrar a Prefeitura de Miranda em atraso de pagamento por espaço de quase dois anos dos respectivos alugueres” (MENDES, 1942, p.25).

Por esse motivo, Mendes (1942, p.26) enfatiza que as condições orçamentárias de Mato Grosso, privilegiavam “a implantação de um número maior de escolas reunidas em relação a criação de grupos escolares”.

Em 1937, seis anos após a implantação da primeira Escola Reunida, a de Santo Antônio de Rio Abaixo, Mato Grosso contava com mais sete deste modelo: Escolas Reunidas da Villa de Livramento, Escolas Reunidas de Ladário, Escolas Reunidas de Corumbá; Escolas Reunidas de Sant'Anna do Paranahyba; Escolas Reunidas do Bairro de Amambahy em Campo Grande, Escolas Reunidas a cidade de Miranda; Escolas Reunidas de Guajará Mirim – e mais duas criadas no corrente ano para serem instaladas: as Escolas Reunidas da cidade de Coxim e as Escolas Reunidas do Coxipó da Ponte (PIRES, 1937).

No relatório de Julio Strübing Mülher (1940), Interventor do estado, consta informações sobre a implantação de novas unidades das Escolas Reunidas em Mato Grosso. Em 1940 as unidades destas escolas já chegavam ao número de 20 escolas, são elas:

**Tabela 2: Escolas Reunidas em 1940**

<b>Escolas Reunidas</b>	<b>Localidade</b>
Leovegildo de Melo	Capital (Cuiabá)
José Magno	Capital (Cuiabá)
Souza Bandeira	Capital (Cuiabá)
Pedro Gardés	Várzea Grande
De livramento	Livramento

Ladário	Corumbá
De Porto Murtinho	Porto Murtinho
Caetano Pinto	Miranda
Vista Alegre	Maracajú
De Maracajú	Maracajú
De Parnaíba	Parnaíba
Aparecida do Toboado	Parnaíba
Rio Pardo	Campo Grande
De Jaraguari	Campo Grande
Entre Rios	Entre Rios
Generoso Ponce	Bela Vista
De Nioaque	Nioaque
De Lageado	Lageado
De Alto Araguaia (a instalar-se)	Alto Araguaia
De Guajará Mirim	Guajará Mirim

*Fonte:* MULLER, 1940.

A implementação das Escolas Reunidas, tinha como objetivo principal o melhoramento das condições pedagógicas e a higiene dos ambientes escolares; “classificar os alunos pelo nível de desenvolvimento intelectual; facilitar e intensificar a inspeção” (RELATÓRIO, 1927, p. 166).

A duração de seus cursos ministrados nas Escolas Reunidas deveria ser de três anos, podendo ser prorrogável para quatro anos. Para Sá e Sá, (2011, p. 36), a implementação de Escolas Reunidas em Mato Grosso, previstas pelo Decreto nº 759, de 22 de abril de 1927, “vinham ao encontro à dificuldade econômica do estado, já que atendiam até sete classes em um único prédio” (ilustração 01).

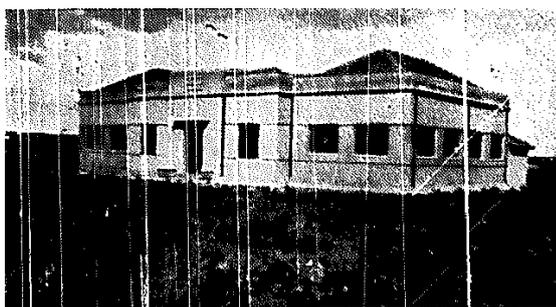


Ilustração 01: Escolas Reunidas de Rio Pardo, MT - 1941  
Fonte: APMT, 2012.

Após duas décadas de funcionamento, em 1949, para 11 grupos escolares instalados nos municípios maiores, havia 36 Escolas Reunidas espalhadas em todo o estado (FIGUEIREDO, 1949). Neste ano o Departamento de Educação e Cultura, apesar da carência de informações por parte de várias escolas primárias, considerou o número de matrículas significativo, chegando a média de 15.766 alunos distribuídos nos seguintes estabelecimentos: grupos escolares 7.081, Escolas Reunidas 2.242 e Escolas Rurais (isoladas) 6.443.

Observa-se que o número de alunos matriculados nas Escolas Reunidas ainda se mostrava bem inferior em relação às matrículas dos grupos escolares e das escolas isoladas rurais, isto porque, segundo dados na mensagem de 1950, algumas Escolas Reunidas neste período foram transformadas em Grupo Escolares (tabela 3).

**Tabela 3: Grupos Escolares e Escolas Reunidas 1950**

Ano	Grupo Escolar	Escolas Reunidas	Transferida em Grupo
1940	15	23	-
1947	24	33	9
1948	24	33	1
1949	28	37	3

Fonte: FIGUEIREDO, 1950.

Os documentos oficiais de 1954 retratam que, apesar das dificuldades do estado em ofertar o ensino primário para toda a população infantil “[...] em virtude dos contingentes migratorios que o estão buscando, numa penetração vigorosa pelas regiões mais afastadas dos centros urbanos”, houve uma expressiva melhoria na criação de novas escolas (FIGUEIREDO, 1954, p.23). A respeito, o governador em exercício Fernando Corrêa da Costa, esclarece que EM Mato Grosso existiam “Grupos ou Escolas Reunidas em tôdas as sédes de Município, conforme a densidade da população urbana, sendo que nas grandes cidades rurais vão se ampliando constantemente, sendo rara a que não tenha, hoje, o seu edificio proprio” (COSTA, 1954, p.23). Este demonstrativo numérico pode ser observado na tabela 4.

**Tabela 4: Escolas Reunidas em 1954**

Escolas Reunidas	Localidade
------------------	------------

São Jose	Capital (Cuiabá)
Filogono Corrêa	Distrito Guia
Leovegildo de Melo	Capital (Cuiabá)
Engenho	Distrito de Engenho
Acorizal	Distrito de Acorizal
D. Vunibaldo de Fátima	Chapada dos Guimarães
José Estevão Corrêa	Capital
Santa Rita	Congregação Salesiana
Primária	Corumbá
De Ladário	Corumbá
Bonfim	Campo Grande
Sidrolândia	Campo Grande
Jaraguari	Campo Grande
Santa Claudina	Santo Antonio de Leveger
Cel. Antonio Paes de Barros	Distrito de Melgaço
Bairro Alto	Aquidauana
De Itiquira	Alto Araguaia
De Araguainha	Alto Araguaia
Vila Iguatemi	Amambai
De Bonito	Bonito
De Vila Caracol	Bela Vista
Caarapó	Dourados
Juti	Dourados
Caetano Dias	Diamantino
Coronel Lima Figueiredo	Maracajú
Ervania	Maracajú
Ribas do Rio Pardo	Ribas do Rio Pardo
Corguinho	Rochedo
Rio Brilhante	Rio Brilhante
Alto Coité	Poxoreu

*Fonte:* COSTA, 1954.

Infere-se que entre o período de 1949 e 1954 houve um declínio no número de Escolas Reunidas no estado, passaram de 37 para 32 unidades escolares. Isso porque, o modelo reunido de escolas mato-grossenses representava no momento de sua criação (1927), como uma opção para solucionar os problemas orçamentários e educacionais em Mato Grosso. Contudo, foram implantadas com a intenção de que, depois de instituídas e consolidadas como instituições educacionais, se transformassem em Grupos Escolares e dessa forma, alavancassem qualitativamente a educação no estado.

#### Considerações finais

A documentação nos aponta para o sentido de que a implantação dos grupos escolares foi idealizada pelos governantes e reformadores paulistas forjando a ideia de

uma escola organizada e homogênea, contrária à escola isolada, que consideravam como ineficiente. Entretanto, foi através das Escolas Reunidas que a escola graduada se expandiu por Mato Grosso. Tinham a vantagem de representar uma economia aos cofres públicos, pois não exigiam a contratação de uma pessoa específica para assumir a função de diretor, com uma gratificação fixa; necessitavam de um número menor de alunos para serem instaladas, exigiam prédios escolares mais simples, não necessitando do investimento em grandes obras para a construção de uma escola-monumento, como era próprio dos grupos escolares. Tal característica, além de tornar as Escolas Reunidas um modelo econômico, possibilitava a sua instalação em qualquer localidade, permitindo rapidamente a sua expansão.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL, Américo Pinto. *Relatório* das Escolas Reunidas de Santo Antônio do Rio Abaixo apresentado ao Diretor Geral da Instrução Pública do Estado, 1930.

CAMPOS, Waldomiro O. *Relatório* do Movimento anual do Grupo Escolar de Poconé apresentado à Direção Geral da Instrução Pública. APMT - 1916.

COSTA, Fernando Corrêa da. Mensagem apresentado a Assembléia Legislativa ao governador do Estado em Mato Grosso. APMT, 1954.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FIGUEIREDO, Arnaldo Estevão de. *Mensagem* apresentado a Assembléia Legislativa ao governador do Estado em Mato Grosso. APMT, 1949.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Mensagem* apresentado a Assembléia Legislativa ao governador do Estado em Mato Grosso. APMT, 1950.

FRAGO, Antonio Viñao. *Innovación y Racionalidad Científica - La escuela graduada pública en España (1898 - 1936)*. Madrid: Akal Universitaria, 1990.

\_\_\_\_\_. *Tiempos escolares, tiempos sociales*. Bracelona: Editorial Ariel, 1998.

LESAGE, Pierre. A pedagogia nas escolas mútuas no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: EdIUPF, 1999, pp. 9-24.

LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 606 p.

MATO GROSSO. *Regulamento do Presidente do Estado à Assembléia Legislativa*. Cuiabá - APMT, 1910.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Direção da Escola Normal e Modelo anexa*. Relatório do movimento anual apresentado à Secretaria de Estados dos Negócios do Interior, da Justiça e da Fazenda, 1911.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Relatório do movimento anual do Grupo Escolar de Poconé* apresentado à Direção Geral da Instrução Pública. Cuiabá – APMT, 1916.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Regulamento do Presidente do Estado à Assembléia Legislativa*. Cuiabá - APMT, 1927.

MENDES, Francisco A. Ferreira. *Relatório da Diretoria Geral da Instrução Publica de Mato Grosso*. APMT, 1942.

MULLER. Julio Strubing. *Relatório* apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas Presidente da república em Mato Grosso. APMT, 1939-1940.

PIRES. Manoel Ary da Silva. *Mensagem* apresentada a Assembleia Legislativa lida na abertura da 3ª sessão ordinária da sua 1ª legislatura, pelo Interventor Federal do Estado de Mato Grosso. APMT, 1937.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de, SÁ, Nicanor Palhares. Escola Normal de Cuiabá: formar professores para lapidar almas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza, FREITAS, Anamaria G. B. de, LOPES, Antonio Pádua C.(orgs). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas-SR: Editora Alínea, 2008, p. 61-74.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; SÁ. Elizabeth Figueiredo de; FERRO, Maria do Amparo Borges. A expansão da escola primária graduada nos Estados na Primeira República: a ação dos poderes públicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SÁ, Elizabeth Figueiredo de, (Orgs.). *Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a Escola Graduada (1870 – 1930)* 2011. Prelo. 128-141p.

SILVA Franklin Cassiano da. *Mensagem* apresentado a Assembléia Legislativa ao governador do Estado em Mato Grosso. APMT, 1931.

SILVA, A. M. Práticas Educativas no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, em Assú/RN (1911-1927). *Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN*. n. 1, fev. 2010. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/imburana/article/view/860/794> >. Acesso em: 10/05/2012.

SOUZA, Rosa Fátima. *Espaço da Educação e da Civilização: origens dos grupos escolares no Brasil*. In: O Legado Educacional do Século XX. Araraquara: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Alicerces da Pátria: escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890-1976)*, Araraquara, 2006, 367f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008. 319 p.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Alicerces da Pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890 - 1976)*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. v. 1. 407 p.

TYACK, David; CUBAN; Larry. *Razões da persistência da gramática escolar*. In: TYACK, David; CUBAN; Larry. *Thinkering toward Utopia. A century of public school reform*. Boston: Harvard University Press, 1999, p.85-109. Tradução de Renato de Souza Porto Gilioli (Texto mimeo).

VIDAL, Diana Gonçalves. *Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os Grupos Escolares em foco*. In: VIDAL, Diana (org.) *Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas: SP: Mercado de Letras, 2006, p. 7-20.